

GT44: Gênero, geração e saúde: experiências, narrativas e itinerários

Madiana Rodrigues, Mônica Franch

Os processos de saúde, adoecimento e cuidado estão atravessados pelas dimensões de gênero e geração, no que diz respeito aos modos de atenção, estilos de vida, relações de trabalho, políticas e respostas institucionais às ameaças à saúde e ao tipo de adoecimento que acomete as pessoas. No entanto, é raro encontrar análises, e também políticas, que se proponham a compreender a interação existente entre gênero, geração e as dinâmicas de adoecimento e cuidado em diferentes contextos sociais e culturais. No campo das políticas de saúde a incorporação de gênero e geração costuma ocorrer de forma diferenciada. Muitos estados e municípios possuem programas e políticas voltadas à saúde das mulheres (e mais recentemente a saúde dos homens), e à saúde LGBTQIA+, frequentemente como resposta às demandas do movimento feminista e do movimento LGBTQIA+. Embora essa incorporação não seja garantia de boas práticas, trata-se de uma situação que contrasta com a pouca visibilidade que os aspectos geracionais possuem na atenção à saúde, que está muito mais limitada aos extremos da vida (infância e velhice) ou que, no caso específico das mulheres, limita a compreensão do curso da vida aos aspectos reprodutivos. Nesta proposta, partimos de uma abordagem feminista da saúde, que busca articular as dimensões biológica, social e cultural na compreensão dos processos de adoecimento e cuidado, levando em consideração ainda as relações de poder, diversidades regionais e desigualdades neles envolvidas.

A ética do cuidado entre gerações nos Círculos de Mulheres: aproximações empíricas em Salvador e região metropolitana

Autoria: Thainá Soares Ribeiro

Pesquisa no Doutorado o movimento denominado como Círculos de Mulheres. Estes Círculos são difíceis de ser definidos, devido seu possível enquadramento em diversos movimentos como Nova Era, Ecofeminismo e Espiritualidades Femininas. Mas, ainda que sem uma definição estanque, podem ser compreendidos como grupos organizados por mulheres e para mulheres, na grande maioria cisgênero, que se encontram em espaços não-institucionais, articulando-se a partir de referências que emergiram na contracultura, bem como as que emergem vinculadas a região do encontro, com bricolagem de religiões e saberes sobre o corpo. Na contramão das perspectivas dominantes em relação aos corpos das mulheres, bem como sobre o sagrado na perspectiva das mulheres, os Círculos buscam uma nova relação com o corpo e com a saúde. Neste trabalho, trago algumas reflexões sobre as minhas percepções iniciais no campo - num círculo na cidade de Salvador, outro na região metropolitana, refletindo sobre os agenciamentos do corpo e do cuidado nesses círculos - entre gerações de mulheres, por meio de uma ginecologia denominada autônoma. As participantes dos Círculos de Mulheres apropriam-se de vários "conhecimentos tradicionais" (em tópicos como o uso de ervas para a saúde das mulheres, ciclo menstrual, menopausa etc.) e munem-se da experiência de compartilhar "corpos semelhantes", ou seja, de viver empiricamente todos esses processos. A ideia do que é "ser mulher" é uma questão central - as participantes reivindicam um cuidado com a saúde sexual a partir da perspectiva das mulheres, ou seja, uma busca por autonomia em relação ao conhecimento do próprio corpo. Além disso, a diversidade de concepções sobre o corpo pode não estar ancorada na normatividade do corpo biológico, como algumas percepções do campo me indicaram. A ética do cuidado nesses Círculos se estabelece a partir de performances sobre o feminino, a ideia de útero não apenas como órgão biológico, mas como um espaço de energia feminina que existe no corpo de todos os seres.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

